





Érico Hammarström

Cataclismo

e outros contos

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2022

JOÃO E EU

As horas longuíssimas que me atordoavam, de imediato, rebelaram-se e ajudaram-me a sair de lá, mas ei, amigo, por ora tenho me feito e refeito como um recomeço absoluto, agora caminho por entre as linhas ferroviárias como quem tem muito a procurar, mas creio que ela me esteja procurando, ou melhor, me esperando, e não há nada do que eu possa fazer, senão caminhar e perseverar por todo o caminho tortuoso e perigoso.

Tenho companhia. Anda comigo um conhecido de tempos, mas o que nos une é um laço sem nó, não tem explicação e por isso não me sinto só.

Para os reguladores de minhas falas mentais de mim para mim, João segue a meu lado, e nada nos impede de que por esse país afora eu não me embrenhe no mato virgem, intocável, ou trafegue lentamente como um boi-babão pelos acostamentos das estradas, ou ainda arrisque a queda de um parapeito de ponte.

João assopra em meu ouvido, amigo, de que não devo explorar os muitos caminhos, mas eu lhe digo que venha comigo, que me acompanhe pelo pouco, pois quem sabe ainda posso andar, se não atropelado por um carga-pesada por aí. Ele combatido de minhas angústias vela ao meu encalço as minhas ideias mirabolantes de mais tarde acordar

em um amanhecer horroroso, de sonhos que há muito não ousei sonhar.

Embora horripilantemente o anoitecer me cause certo desconforto nauseante e sudorese, no que as brancas mulheres com que me deitei, tão alvas e espectrais que quando adormeciam pareciam que eu podia apreciar as almas plaiando de seus corpos, deixando minha firme placidez de sonâmbulo, para o susto moribundo de um homem desperto.

Eram tão brancas as mãos, de unhas salientes e pontiagudas, como de espírito livre, para no ato do amor total cravarem-me às costas com gana de quem chora por mais um bocadinho. E eu que me terminava estarecido, ao ouvir suas vozes pedindo não mais um pedaço, mas uma repetição tal e qual a primeira movimentação dos quadris, as omoplatas arranhadas com um rubor vivo, assim, após a segunda apreciação da carne, adormeciam como belas damas da alta sociedade, no colchão vagabundo, cujo quarto me era de obscena falta de tudo, um podre quarto de hotel de quinta, onde mesmo saciados da carne humana, agora naufragavam seus pensamentos em travesseiro bolorento, impudícia da qual o corpo imaculado das moçoilas alvíssimas pediam socorro e de seus corpos a alma era descolada e, nas quimeras obscuras e medusas psicotrópicas, despertavam de ventre renovado, com sangue a soltar as garras de um útero já desprovido de endométrio.

Ao não ter mais com que se preocupar, saltavam da cama, vestiam as ligas, as saias e as blusas, saindo de meu quarto sem nem ao menos responder-me quando haveriam de voltar, para, mais uma vez, ir ao não lugar e sangrar a carne, transpiração lasciva, a penetração no catre do prazer.

João foi quem me apareceu antes de mim mesmo. João a mim, homem praticante, de alta estatura, corpo desenvolvido

nas artes do raquitismo. E por esse porte de tísico, seu uniforme padronizado, terno e gravata, ao estilo de Wall Street modelo brasileiro mixuruca, o alongava ainda mais, se não a mim mesmo.

Aconteceu de repente, eu estava caminhando na rua, vindo da escola, assim avistei-o de frente a mim, parado na esquina, um qualquer como que a espreitar alguém importante que poderia aparecer no centro do alvoroço inexistente, e, de relance, atacá-lo com uma clava, preparando-o para a maior andada do cachimbo.

Mas ali não havia nenhum ilustre cacique, druida ou alquimista. Esses realmente não davam as caras na rua, prontos sabendo que levariam o esporro de um alucinado fumando alucinógenos.

Atravessei a rua na faixa de segurança, e esse homem começou a andar em minha direção. Atemorizado, acelerei o passo. Tomando distância dele, despistei-o realmente na quarta quadra em que andava ziguezagueando. Na qual ele inadvertidamente reproduzia os mesmos movimentos. Quanto mais passos eu dava, mais nos aproximávamos, medo foi a primeira sensação que senti ao ver aquele esqueleto que, quando em minha frente, tocou meu pulso, senti o correr acelerado de meus batimentos, e disse algo sem movimentar o maxilar, inarticulável, inaudível, embora ali era eu o incompreensível ele.

Tamanho pavor que sentia, meu coração em ritmo de marcha acelerada, distribuía o líquido em passadas e clarins para todos os cantos do corpo, e mesmo assim senti tontura, minha boca dessecou, minhas mãos e pés emanavam todo resquício de líquido linfático além de um formigamento desarticulado, que articulava meu total desespero

de estar ali. Por fim, depois de sentar-me e principiar a tentativa de relaxamento, peguei-me a pensar que aquele homem poderia ser um anômalo, mas, o mais complexo: por que havia me seguido?

Essa incógnita permaneceu por algumas semanas em que eu não tinha mais o desejo de sair da caverna, de fazer coisa qualquer que fosse, e veio a necessidade de eu procurar por aquele homem, o estranho homem do terninho preto puído. Contudo eu não precisei movimentar-me muito, saí novamente para a rua, tendo de pagar alguns boletos na lotérica, e, na esquina da minha casa, estava ele. Estaquei, mas, superando o temor, meneei a cabeça em cumprimento, em gesto longilíneo e astuto, ergui o braço direito, movimentando-o em indicação de que se aproximasse. Fui até ele, e ele punha-se em minha direção, automaticamente. Com medo de que meus anseios fizessem de mim o idiotizado. Fui até ele, apresentou-me a mão em cumprimento sincero e ligeiro como se tivesse extrema necessidade de reproduzir aquele gesto, e disse: “João, me chamo João”.

Embora não tenha acreditado de primeira vez, João tornou-se um bom amigo. Nas horas mais solitárias do caminho, ele me escoltava com seu papo falastrão e bem-humorado, animando-me ao ponto de ter novos ânimos. Contou-me que trabalhava à noite, em uma fábrica nas cercanias da cidade, em claro operava botões, que modelavam as voltas dos parafusos, e bem à hora em que eu saía era o horário em que ele descia do ônibus da firma e ia em direção de algum lugar.

Nesse tempo não perguntei o porquê de ele sempre usar o mesmo terno puído e largo demais para o seu esqueleto, nem mesmo o que me instigava e ainda amedrontava, o porquê de ter aparecido. Era um misto de amizade e desconfian-

ça, mas com o tempo as inquietações cessaram, a confiança surgiu, e João e eu nos confundíamos. Eu era João?

Não peço em dizer que poucas coisas despertavam o meu interesse, apesar de que filosofia e sociologia eram interessantes, a literatura fascinava, e eu conseguia dialogar sobre isso com João, pois ele compreendia muito, nas horas vagas, o que eu manifestava por gosto. Apresentei-me a poetas antigos que minha mente em essência desconhecia da exatidão.

A destreza com que poetas falam de amor, que ultrapassa qualquer entendimento de amor, a lascívia de cópula desconhecendo a quem copular, a quem roubar o hímen e entregar o prazer de se fazer completos em uma unidade orgânica, natural, com o avançar dos movimentos repetitivos do quadril, e os espasmos musculares de quando sente-se um filamento nervoso ser impulsionado eletricamente. Num átimo o jorro de esperança se concretiza, os veios sanguinolentos da inocência estão ali e os dois amantes, até a pouco unidos naturalmente em uma luta selvagem de uivos, grunhidos, dentadas, agora de fato unidos por algo que nada explica, o sentimento de pertencimento e posse que outra nunca se havia experimentado, eram agora enamorados. Com a movediça crença de que o redemoinho se afastaria levando a onda de destruição, muito pelo contrário, a lua não cedeu espaço ao sol.

Aflorou-me a vontade saliente do ato rebelde e despudorado.
Iria pela primeira vez ao prostíbulo.

João acompanhou-me. Ele era um bom amigo, pouco vivido, mas experiente com as artimanhas do tempo. Assim, iniciei o convívio das sumarentas ternuras da carne.

Desfrutando o bom do gozo sumarento em que a carne agoniza no reduto de um catre pegajoso, ao término do ato,

o desenlace se dava com o pagamento em notas emboladas recheadas de sorrisos e agradecimentos; dessa vez ainda tive sorte, apenas contraí chatos.

Vesti as calças, com rapidez e veemente saí do cubículo pronto para tomar alguma coisa, mas vejamos, na porta, do lado de fora, estava João, esperando-me para um gole ou outro de alguma bebida forte. Tirei do maço um cigarro, tragava como se ele me fumasse, e a sensação de ser expelido, como que eu me sentia, assim de fluido corporal pronto para a multiplicação da espécie humana.

Sentado à minha destra estava João, repetindo os movimentos arduamente calculados pela mente que já não sabia de lógica ou qualquer coisa.

EDITOR A

www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

A U T O R

E-mail: erico.hamm@hotmail.com
Blog: fluxosblog.blogspot.com
Facebook: [/ericohammarstrom](https://www.facebook.com/ericohammarstrom)
Instagram: [@ericohammarstrom](https://www.instagram.com/ericohammarstrom)

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em março de 2022.
